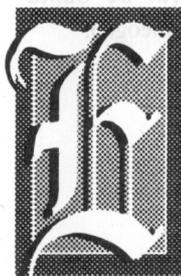


## DESVENDANDO O ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO FÍSICA\*

**Fernanda Regina Lulz**  
**Isabela Angeloni**  
**Jallson Lucio de Maria**  
**Marcel França Maltez**  
**Marcelo França Maltez**  
**Otto de Assis Batinga\*\***



Este relatório de estágio, enquanto instância de produção coletiva, objetiva contar e avaliar criticamente aspectos que nortearam nossas experiências docentes a nível escolar no 1º grau, durante o semestre 1994/2, tendo como centro do conhecimento o Colégio Estadual Getúlio Vargas/SC.

Desde o início de nossa caminhada descobrimos a necessidade de redimensionar o papel da Educação Física que ainda é visto, principalmente, como esporte ou *joguinhos recreativos*. Enquanto educadores tomamos a iniciativa de buscar mudanças e construir juntamente com nossos alunos novas perspectivas.

Através de ensaios da Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos, objetivamos que os envolvidos adquirissem uma consciência mais crítica perante o conteúdo da Educação Física, desmisti-

ficando o *fazer pelo fazer*, sendo criativos, inventivos e descobridores em novos atos.

### Buscando vínculos para interagir no âmbito escolar

Nossos primeiros contatos com o Colégio Estadual Getúlio Vargas, situado no bairro Saco dos Limões em Florianópolis, realizou-se a nível de observação de aulas e levantamento de informações acerca do ambiente escolar. Fomos muito bem recebidos pelo colégio, onde nos ofereceram plenas condições para a nossa atuação e liberdade de escolha de turmas, e professores para nos acompanhar durante o estágio.

Para obtermos estas informações realizamos várias entrevistas e questionários com os sujeitos que envolvem o ambiente escolar, como professores, alunos, equipe técnica e funcionários. Procuramos setores e pessoas diferentes, que nos auxiliaram na construção de nossa proposta de trabalho.

\* Trabalho elaborado a partir do Relatório Final, apresentado pelos autores, da disciplina *Prática de Ensino de Educação Física de 1º Grau*, do curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC, sob a supervisão da Profª Ingrid Dittrich Wiggers.

\*\* Acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC.

O colégio é estruturado para atender desde o pré-primário até o 2º grau. Dentre os seus objetivos, destacamos: *“proporcionar à comunidade escolar recursos e oportunidades educacionais; promover a integração da escola com a comunidade e a plena utilização dos seus recursos; promover o desenvolvimento integral do educando para a sua participação na obra do bem comum”*.

Segundo os professores das nossas turmas, a Educação Física de 5ª a 8ª série objetiva principalmente oferecer aos alunos habilidades básicas para a prática dos desportos como Voleibol, Basquetebol, Futebol e Handebol.

Os professores de Educação Física relataram algumas dificuldades para articular o seu trabalho junto aos alunos, como o fato das turmas serem compostas por grupos muito heterogêneos, variando em termos de idade e de nível sócio-econômico.

A maioria dos alunos prefere aulas de Educação Física, em relação às demais. Consideram a Educação Física uma disciplina onde podem extravasar suas energias e quebrar a monotonia da sala de aula.

Sabemos que historicamente a Educação Física tem se limitado às atividades motoras baseadas nos movimentos padronizados das modalidades desportivas, o que desafiou a nossa equipe de estágio no sentido de ampliar a criatividade em relação à expressão corporal (Coletivo de Autores, 1992).

Nos contatos realizados na escola conversamos também com o dono da cantina que fica em frente às quadras de esporte. Na sua curiosa visão na Educa-

ção Física *“as crianças não param quietas no seu lugar. Mas é importante que ela exista, pois assim nós podemos garantir a nossa saúde. O espaço que o colégio tem para as aulas é bem grande”*.

O período inicial de aproximação com o campo de estágio nos fez refletir acerca do nosso papel, enquanto futuros professores. Uma visão mais ampla da Educação Física, não apenas em seu sentido metafísico, imaginando-a sem problemas, linda e maravilhosa, exige o reconhecimento de que alunos, professores e escolas já possuem uma identidade enquanto agentes da Educação. As possíveis mudanças só poderão ocorrer a partir da leitura crítica desta realidade (Revista Motrivivência, 1993).

## **A essência do estágio: nossos alunos**

Adquiridos alguns vínculos para trabalhar no colégio, chegamos felizmente ao encontro com as turmas. Destaca-se aqui um momento de muita ansiedade e curiosidade. Eram turmas de 5ª e 6ª séries do 1º grau, separadas por sexo, na faixa etária de 12 a 16 anos e compostas por 10 a 25 alunos. Cada dupla de estagiários trabalhou com uma turma ao longo de todo o semestre.

Nossas turmas tinham como característica um misto de infantilidade e de adolescência, período bem característico devido à transição de idades em que se encontravam. Sentíamos que eram sinceros quando falavam, resmungando quando não gostavam e sérios quando questionavam ou concordavam. Falavam tudo o que sentiam. Observamos que alguns eram muito ativos e dispo-

tos. Outros em geral quietos, aparentemente sem muito interesse pelas aulas.

A impressão nas primeiras aulas era de que os alunos a nossa frente corriam de um lado para outro atrás da bola de Basquetebol, tentando fazer pontos a qualquer custo. O que se evidenciava era que sempre os mesmos alunos corriam atrás da bola, para lá e para cá. O objetivo parecia ser exclusivamente vencer. Um vencer individual, pois não pareciam duas equipes jogando e sim *cada um por si e Deus por todos*. Sob o nosso ponto de vista, a aparente falta de união e afetividade entre os alunos, tornava as aulas competitivas. Em contrapartida, observamos que, nas entrelinhas, outros aspectos se destacavam como a alegria, a agilidade, a compreensão por parte de alguns, e a criatividade. Isto nos prendia cada vez mais aos alunos, deixando-nos curiosos e ao mesmo tempo desafiados.

O que marcou muito no período de observação de aulas foi um carisma mútuo e a receptividade por parte dos alunos, fazendo-nos sentir desde o início uma afeição por eles. Isto nos deu segurança para enfrentarmos nosso compromisso enquanto estagiários.

## Primeiros ensaios

Entendemos que o planejamento é de grande importância, pois consiste numa sistematização, a partir da qual tentaremos alcançar os objetivos propostos para o estágio. O planejamento deve ir de encontro à realidade de todos os envolvidos. Por esta razão no período inicial de contato com o colégio selecionamos algumas questões e problemáti-

cas de estudo a serem trabalhadas ao longo do semestre, buscando a superação das mesmas. Destacamos a questão da solidariedade, o reconhecimento das diferenças individuais entre os alunos — tamanho, força, agilidade —, a tumultuada relação entre os alunos e a questão da articulação da Educação Física com a realidade dos educandos.

Tivemos como objetivos principais *“aproximarmo-nos mais do ambiente de trabalho escolar; construir novas visões de Educação Física, a partir da troca de experiências, possibilitando aos grupos questionarem, refletirem e criticarem nossas aulas, além disto fazer uma articulação constante entre teoria e prática, frente à realidade e às possibilidades dos alunos”*.

Para atender a estes objetivos nos propusemos a um trabalho coletivo e construtivo, por meio de um ensaio da Pedagogia Crítico-Social do Conteúdo, observando que esta busca *“...uma síntese superadora das pedagogias tradicional e renovada, valorizando a ação pedagógica enquanto inserida na prática social concreta”* (Libâneo, 1989:33). Evidenciamos enquanto princípios pedagógicos para nossas aulas a leitura crítica da realidade, a valorização de todos os conhecimentos, a construção coletiva do conhecimento, a reflexão e o questionamento.

Os elementos da realidade de atuação em conjunto com o planejamento permitiram o avanço dos nossos passos em direção aos primeiros dias de aula. O desenvolvimento destes planos de aula deu-se em continuidade ao conteúdo e à metodologia de ensino que vinha se realizando anteriormente, evitando altera-

ções bruscas dentro da rotina a que os alunos já estavam habituados. Não pretendíamos intervir com um conteúdo pronto para aquela realidade, pois observamos que nossa proposta teria que aparecer aos poucos, mediada pelo contexto apresentado.

Estavam a nossa frente grupos que possuíam ansiedades e perspectivas de aprender coisas novas, mas ao mesmo tempo acomodados e a receber “tudo” pronto. Foi necessário verificar os questionamentos que os alunos guardavam dentro de si mesmos, por meio de conversas informais e procedimentos de pesquisa como o questionário aberto, a fim de introduzir uma maior participação destes no processo, despertando seu potencial crítico e criativo.

Após as primeiras impressões começamos a conversar sobre nossos objetivos, sobre como pretendíamos trabalhar e sobre o que significava a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos, introduzindo-a como base para as aulas. Os primeiros momentos destas passaram a ser reservados a atividades recreativas, objetivando uma maior solidariedade e integração entre os alunos. As barreiras começaram, então, a surgir, pois queríamos que eles criassem, pensassem no que estavam fazendo e socializassem tudo o que pretendiam.

Queríamos também que o planejamento das aulas contasse com a participação ativa dos alunos. Apresentamos uma variedade de propostas para que eles compreendessem, desenvolvessem e avaliassem, não apenas o que acontecia nas aulas de Educação Física, mas também na escola em geral, nas outras disciplinas e na sociedade.

Alguns comentários feitos pelos alunos nos deram a dimensão das resistências que teríamos que enfrentar com estas novas tentativas: “...*Nós não queremos fazer nada disto. Agora vocês vêm para cá e querem inventar*”; “...*Nós queremos é ganhar no jogo!*”

Estas situações nos levavam a recuar e repensar nossa prática. Tivemos que “parar” muitas aulas, conversar e refletir sobre todos os problemas. Foi necessário dar margem a pressupostos de outras pedagogias, para construir um espaço de diálogo e de entendimento. Todavia, através do esforço coletivo as coisas tendiam a se modificar. Gradativamente os alunos passaram a se sentir mais seguros para trabalhar e problematizar questões que os impediam de participar da construção de conteúdos e atividades. Dentre estas havia a questão de que nossa proposta pedagógica não partia de um saber artificial, mas sim de uma relação direta com a experiência do aluno.

As aulas passaram a revelar as possibilidades dos alunos em termos de sua participação, criatividade e socialização. Apoiamo-nos em materiais didáticos construídos especialmente para facilitar o aprendizado e a compreensão dos conteúdos. Estes foram organizados em forma de temas geradores, não se limitando apenas ao cotidiano escolar, mas a assuntos da sociedade em geral. Desta forma procuramos assumir um compromisso coletivo com os alunos para tentar rever a visão funcionalista da Educação Física.

No cotidiano, ao final de cada aula, abríamos espaço para auto-avaliação, comentários e críticas acerca das ativi-

des, para que desta forma pudéssemos avançar e atender aos objetivos das turmas. Transformávamos estas avaliações em idéias para as próximas aulas.

As aulas de Educação Física neste colégio desenvolvem-se no mesmo turno das demais disciplinas curriculares, aspecto que reforçou nossa relação pedagógica com os alunos tanto em quadra, como em sala de aula. Nos dias chuvosos o espaço da sala de aula permitia a continuidade dos conteúdos com abordagens alternativas em termos de prática e teoria.

Dentre os conteúdos trabalhados incluíram-se os fundamentos técnicos dos desportos e noções do jogo propriamente dito, estabelecidos no programa da escola. Não deixamos de aplicar, como ponto de partida, os conhecidos processos pedagógicos e educativos oriundos da educação tecnicista. Porém, sempre procurando provocar os alunos para a criação do esporte *da* escola, o qual viesse de encontro às suas possibilidades, para que todos pudessem participar e aprender sem discriminações postas pelas diferenças individuais.

Também tivemos espaço para outros temas, como a história dos esportes, para a qual montamos uma aula onde os alunos em grupos discutiram e registraram num cartaz o que já sabiam sobre *o esporte de ontem e o esporte de hoje*. Foram estimulados igualmente a propor um jogo que representasse cada momento da história. Um terceiro grupo usou a imaginação e num exercício de ver o futuro construiu *o esporte de amanhã*. Após a socialização do tema em grande grupo, foram praticados os jogos inventados pelos alunos que representavam o

esporte nos três momentos históricos, respectivamente. Durante as discussões procuramos ampliar os conhecimentos que já possuíam, por meio de informações retiradas da bibliografia na área. Denominamos este momento de explanação científica do tema. Nesta aula houve um grande envolvimento por parte de todos, pois sentiram-se responsáveis pelo processo empenhando-se nos trabalhos de *viagem no tempo*.

Outros conteúdos culturais trabalhados em aula foram o *Futebol feminino*, *Futebol de campo* — realizado no Centro Comunitário do Saco dos Limões —, *expressão corporal*, *violência no esporte*, *memória das vivências escolares na aula de Educação Física*, *relação entre ensino e aprendizagem na escola*, muitos deles sugeridos pelos próprios educandos. Por último garantimos a *recreação*, através de oficinas e trabalho de expressão corporal, buscando desmistificar o senso comum da recreação enquanto brincadeiras e joguinhos descomprometidos de um valor pedagógico.

Organizamos ainda *passeios culturais*, com objetivos definidos. Apesar do colégio se situar relativamente próximo à UFSC, muitos alunos tinham uma enorme curiosidade de conhecer a Universidade *por dentro*. Uma das turmas optou por conhecer o setor do anatômico. A fim de subsidiar esta visita assistimos vídeos sobre o corpo humano, preparando as possíveis reações diante dos cadáveres, que foram observados com tranquilidade pela maioria.

Um outro grupo realizou uma caminhada pela Universidade para conhecer os passos da formação de um professor

de Educação Física, incluindo os centros de ensino, as disciplinas e os laboratórios que envolvem esta trajetória. Cada aluno fez um registro destes passeios, avaliando e dando sugestões.

A estratégia de retiradas do ambiente escolar se mostrou estimulante, integradora e se colocou também enquanto um retorno do estágio para a escola, considerando a relação de troca que procuramos travar durante o processo. Neste sentido destacamos a realização de um seminário no próprio colégio envolvendo todos os professores de Educação Física, *nossos* próprios alunos e a equipe técnica, no qual apresentamos o trabalho que vinha se realizando no âmbito do estágio. A iniciativa deste seminário partiu da própria escola frente aos depoimentos nos conselhos de classe, onde nos foi aberto um espaço para colocarmos nossa visão acerca da participação das turmas perante o estágio em Educação Física.

## **E agora ... que tal avaliarmos a nossa caminhada?**

Acordar professor é um pouco diferente do que acordar aluno. A responsabilidade aumenta, as preocupações surgem, o tempo parece diminuir e tudo isto aliado ao medo da primeira vez, provocando em muitas situações o nervosismo e a ansiedade.

Nestes meses de estágio vivenciamos um período de experimentação dos conhecimentos acumulados durante a vida acadêmica e ao mesmo tempo aprendemos novos conhecimen-

tos. Tivemos como objetivo básico a nossa interação e participação no ambiente escolar, ressaltando a possibilidade de propor novos conteúdos e formas de ação pedagógica da Educação Física na escola.

Frente a este objetivo o estágio contribuiu tanto para a nossa formação como educadores, quanto para a formação educacional e social dos alunos que trabalharam diretamente conosco. Com a ajuda de "*nossos*" alunos conseguimos construir uma ponte entre prática e teoria nas aulas de Educação Física. Em geral esta ponte está quebrada, sendo teoria e prática ainda entendidas como coisas bem distintas.

Foi um grande desafio desenvolver o planejamento que construímos, sem *fugir* dos pressupostos pedagógicos que nos orientavam. Nem tudo o que temos em mente *dá certo*, pois dependemos de muitos fatores, como a aceitação dos alunos, a seqüência do conteúdo, as condições do espaço físico, entre outros. Temos que estar preparados para argumentar e criar novas situações, sem perder de vista o projeto maior.

Notamos um grande avanço à medida em que os alunos foram se envolvendo, sentindo-se capazes e responsabilizados pelo andamento das aulas. A participação tornou-se uma constante e os alunos passaram a estar mais presentes colaborando com o processo. Através do nosso trabalho conseguimos conquistar também a amizade das turmas, ponto marcante desde o início do estágio. Acreditamos ter deixado pequenas sementes para consolidar o valor da Educação Física escolar.

Nesta trajetória muito contribuíram os professores da escola que nos acompanharam, abrindo espaço para que pudéssemos ousar, arriscar nas idéias e inovar nos planejamentos, sem deixar de colocar suas sugestões e avaliações.

O estágio serviu como elemento da formação profissional fazendo com que adquiríssemos em conjunto uma consciência crítica perante a análise de diferentes pedagogias. A partir desta análise buscamos aprofundar e construir nossas identidades, enquanto professores, e encontrar a legitimidade de nossa área de atuação na escola.

## Referências Bibliográficas

- COLETIVODEAUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- LIBÂNEO, J. C. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 8.ed. São Paulo: Loyola, 1989.
- REVISTA MOTRIVIVÊNCIA. *A educação física escolar e o compromisso com a escola pública*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v.4, n.4, jun. 1993.